# Notas sobre o *Clube de Gravura de Porto Alegre*:

## Entrevista com Avatar Moraes[1]


### Avatar Moraes

Bagé, 1933 – Rio de Janeiro, 2011. Artista e pesquisador. Graduou-se na Escola de Arte da UFRGS. Foi professor no Departamento de Artes Visuais da Universidade da UnB. Foi premiado na 9ª Bienal Internacional de São Paulo e na 5ª Bienal de Paris. Lecionou no Center for Advanced Visual Studies do MIT, na PUC/RJ e na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Expôs no MASP, no MAB, no MAM/RJ e no MARGS. Publicou o livro *O Sagrado Moderno* (Editora Tiro-de-Letra).

### Maristela Salvatori | UFRGS

Porto Alegre, 1960. Artista e pesquisadora, Doutora em Artes pela Université de Paris I - Panthéon – Sorbonne e realizou Estágio Sênior/CAPES, na Université LAVAL, Canadá. Residências na Cité Internationale des Arts, em Paris, e no Centro Frans Masereel, na Antuérpia, exposições no Brasil, Canadá, México e França, prêmios em Paris, Recife, Ribeirão Preto, Porto Alegre e Curitiba. Professora do Instituto de Artes da UFRGS, coordena Grupo de Pesquisa Expressões do Múltiplo (CNPq).



**Resumo.** Nesta entrevista, realizada em Porto Alegre, em 21 de julho de 1985, Avatar Moraes artista membro do Clube de Gravura de Porto Alegre entre 1950 e 1952, apresenta uma leitura pessoal, decantada pela distância temporal desta experiência, e esclarece alguns importantes tópicos sobre o Clube, sua criação, dinâmica e estreita relação com o Partido Comunista.



**Palavras-chave.** gravura, Clube de Gravura de Porto Alegre, Partido Comunista.


### Notes about Printmaking Club of Porto Alegre: Interview with Avatar Moraes


**Abstract.** In this interview, held in Porto Alegre in July 21th, Avatar Moraes artist member of the Printmaking Club of Porto Alegre between 1950 and 1952, from the temporal distance of this experience, shows his personal point of view and clarifies some important topics on the Club, its creation, dynamic and close relationship with the Communist Party.



**Keywords.** Printmaking, Printmaking Club of Porto Alegre, Communist Party.

**Maristela Salvatori [MS]** Como e quando te integraste no Clube de Gravura?

**Avatar Moraes [AM]** Entre 50 e 52, entrei no Clube como tarefa do partido, pois, convém esclarecer que o Clube foi muito mais um fenômeno político do que artístico, embora esteja sendo recuperado como tal. Saí do Clube antes dele morrer, quando me afastei do partido.

**[MS]** Como foi o surgimento do Clube?

**[AM]** Coincidiu de artistas ligados ao partido terem a aspiração de organizar o Clube e isto coincidir com certos objetivos do P. C. Talvez até tivesse existido sem o partido, porém, sua organização, funcionamento, operacionalidade se devia a organização do P. C.

**[MS]** Até mesmo pelas inúmeras exposições realizadas pelo Clube, não?

**[AM]** Sim, utilizava-se a estrutura do Partido Comunista Internacional, que agora não é tão forte como na época. Funcionava como retaguarda, provando como era um fenômeno político; engraçado como a visão artística tira da dimensão política, o pano de fundo de toda a atividade do Clube.

**[MS]** O P. C. contribuía com dinheiro?

**[AM]** O P. C. não tinha dinheiro, até ao contrário, o Clube fazia finanças, ou seja, pegava uma gravura do Vasco ou do Scliar, por exemplo, e ia vender para alguém, em benefício de uma atividade específica qualquer.

**[MS]** E a interferência do P. C. no Clube?

**[AM]** Não havia uma interferência direta. Mas, por exemplo, uma atividade como aquela da exposição no Parque Farroupilha, não poderia ter sido objetivada sem haver uma consideração prévia na célula política; considerava-se a conveniência e, então, passava-se a operacionalizá-la. Poderia ocorrer, também, do partido estar empenhado, por exemplo, em angariar assinaturas para o apelo de Estocolmo (contra a bomba atômica) e pedir que o Clube colaborasse com uma gravura que divulgasse a campanha.

**[MS]** Essa ligação com o P. C. era presente para todos os frequentadores do Clube?

**[AM]** Não, apenas aos organizados (aos que pertenciam a alguma organização política - eram poucos).

**[MS]** E teria alguma coisa atrás do fenômeno dos vários clubes de gravura surgidos na mesma época?

**[AM]** Parece-me ter sido espontâneo; o fato é que o Clube de Porto Alegre realmente tinha muita repercussão nos meios políticos.

**[MS]** Por que o Iberê foi convidado a dar um curso de Gravura em Metal em 1955?

**[AM]** Realmente não sei porque convidaram o Iberê, que, ideologicamente, era tão separado, politicamente distante; acho que o ponto de contato foi o fato de ser gaúcho e gravador de grande competência.

**[MS]** Aconteceram mais cursos?

**[AM]** Que eu lembre foi só o do Iberê, e, na sede do Clube, só restaram as sobras do curso; era o único material de gravura.

**[MS]** Como funcionava o Clube?

**[AM]** A primeira sede que conheci foi no edifício Chaves Barcellos, no 9° andar, uma sala bem ruim; funcionava como sala de desenho. Tinha sessões de modelo vivo; os frequentadores eram o Mancuso, o Glauco, o Scliar, o Francisco Ferreira, o Denny e eu. Era influenciado pelo realismo socialista, nos sentávamos num banquinho, o modelo ficava num estrado, na frente do modelo tinha um bastidor com uma tela quadriculada. Tínhamos que quadricular o papel na mesma proporção, duas horas na mesma posição, às vezes mais, retornando no dia seguinte. Não podíamos desenhar com lápis mole, porque era bonito. Sombrear, de jeito nenhum; só contrastes e lápis número 4. Estas regras eram ditadas basicamente por Scliar, o Carlitos, como o chamávamos. Ele achava que aquilo era bom; precisei de muitos anos para me recuperar de todo o mal que esses métodos me trouxeram. Depois teve a sede na Rua da Praia, que funcionou como galeria também.

**[MS]** Que sentes como resultado do Clube?

**[AM]** Nada; não ficou nada. Acho que o Clube foi insignificante para a história gaúcha. Marcou porque foi uma experiência forte, concentrada no tempo

e foi só. Se não houvesse existido, não haveria prejuízo.

**[MS]** E o fato de ter levantado a discussão em termos de uma arte nacional?

**[AM]** Não era colocada a questão nacional e sim a oposição à arte cosmopolita. Pregava uma arte socialista, não colonialista e fazia oposição ao bienalismo. O que havia era certa valorização da temática regionalista.

**[MS]** E uma certa popularização da gravura, como na exposição do Parque Farroupilha?

**[AM]** A ideia, realmente, foi de aproximar, mas ficou muito mais no que se chama "pensamento desiderativo". Eu mesmo trabalhei o dia inteiro lá, montando, depois cuidando da exposição, porém, a ideia foi caricatural. É claro que as pessoas entravam: Domingo de tarde, de graça, todo mundo procurando namorada, como é até hoje. Entravam na exposição como entrariam numa exposição filatélica ou de passarinhos raros. Quanto a votação, por que não participar? Sempre se forma algum juízo sobre algo figurativo. E quanto à ideia de gravura, ficou algo como: "tem uma coisa aí no mundo dos ricos que se chama gravura".

Eu diria que o Clube teve importância na sua atuação política. E que só sobreviveu artisticamente pela sua "institucionalização", ou seja, tinha sede e nome para permanecer na lembrança.

[1] Extrato de entrevista realizada por Maristela Salvatori com Avatar Moraes, na casa de Maria Lucia Cattani, em Porto Alegre, no dia 21 de julho de 1985.

**Fig. 1.** Carlos Scliar: *Assine o apelo da paz* (capa da revista Horizonte), 1952. Linoleogravura e pouchoir, 33cm X 48cm (Acervo Pinacoteca do Estado de SP). Disponível em: <http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=545&c=acervo&letra=C&cd=2721>

Artigo recebido em abril de 2015. Aprovado em novembro de 2015.